Décima nona carta

> **Sumário.** O *Regina Cœli*. — Bela oração. — Por que se diz durante o tempo pascal. — Por que se diz em pé. — Solene profissão de fé. — Cânon do Concílio de Niceia. — Origem do *Regina Cœli*. — São Gregório Magno e a ladainha setiforme. — Canto dos anjos, cessação da peste. — Palavras de são Gregório acrescentadas ao canto dos anjos. — Explicação do *Regina Cœli*. — Versículo, responso e oração explicados.

9 de julho.

Meu caro amigo

Eis-nos diante de uma nova oração, não menos bela que o Ângelus, destinada a celebrar as glórias de Maria. Desde a festa da Páscoa até a festa da Santíssima Trindade, em lugar do *Angelus Domini* , reza-se o *Regina Cœli*.[1]

Sabes isso; mas quantos o ignoram! Desse número são a maior parte dos grandes e pequenos letrados, filhos da ignorância adquirida em sua educação paganizadamente clássica. Filhos da Igreja pelo batismo, cresceram longe de sua mãe, de quem não conhecem, se é que não os desprezam, nem os usos, nem as leis, nem as variadas manifestações de uma inteligência e de uma ternura sobre-humanas. Se não conhecem a regra que acabo de indicar, com mais forte razão ignoram a sua causa. No interesse de todos, vou dizê-la.

Que faz a Igreja ao substituir, no dia de Páscoa, o Ângelus pelo *Regina*? Na embriaguez de sua alegria, canta:

> *Sim, o Verbo se fez verdadeiramente carne; sim, Maria é verdadeiramente a Mãe de Deus; sim, a Redenção do mundo está verdadeiramente cumprida; sim, o grande Lázaro foi tirado do túmulo: vive e, por sua própria atitude na oração, mostra que ressuscitou. Eis o que prova, com a evidência da luz, a ressurreição do Verbo encarnado.*

Se, pois, o Ângelus anuncia a Redenção, o *Regina* canta o seu cumprimento. Um diz: «*Sereis resgatados*»; o outro diz: «*Sois resgatados*». Ambos dizem a Maria:

> *Alegrai-vos; sois a mais bendita das mulheres, a mais feliz das mães, a mais gloriosa das rainhas;*

e a todos nós:

> *Exilados no vale de lágrimas, consolai-vos. A vida daqui debaixo não é a vida: está no céu. Lá estão um Pai que vos estende os braços e uma Mãe que vela por vós.*

Tais são a causa misteriosa e o consolador significado do *Regina Cœli*. Dão-te a entender por que se reza em pé. Na pessoa do Redentor, a quem são Paulo chama o primogênito dentre os mortos, o homem ressuscitou. A atitude de um homem ressuscitado já não é estar deitado, mas de pé. Toda vez que, durante o tempo pascal, o cristão reza o *Regina*, proclama por sua atitude a sua fé na ressurreição, na graça e na glória.

A elite da humanidade, cem milhões de católicos espalhados por toda a face da terra, fazendo três vezes ao dia, ao som das poderosas trombetas da Igreja militante, essa luminosa profissão de fé: conheces espetáculo mais grandioso, mais social, mais invencível às negações da incredulidade?

Pela mesma razão, o Ângelus também se reza em pé aos domingos, estabelecidos para perpetuar a lembrança da ressurreição de Nosso Senhor. Faz mais de quinze séculos que é assim. Vê, meu caro amigo, como tua mãe, a santa Igreja, imprime em tudo o que toca o selo da imortalidade. No Concílio de Niceia, em 325, ela determina que se reze em pé todos os domingos do ano, e a sua voz atravessou quinze séculos sem enfraquecer-se: que poder humano pode dizer outro tanto?[2]

Perguntas-me agora qual é a origem do *Regina Cœli*: não é menos divina que a do Ângelus. Eis a sua história. No mês de novembro do ano de 589, o Tibre transbordou com tal fúria que quase submergiu a cidade de Roma. Ao retirar-se, o rio deixou nos campos uma infecção que causou violenta peste. O papa Pelágio II foi um dos primeiros a ser levado por ela, e a sua morte foi seguida de geral desolação: o flagelo devastou a cidade inteira.

São Gregório Magno, sucessor de Pelágio, compreendeu que era preciso aplacar a ira de Deus com orações, jejuns e as lágrimas da penitência. Exortou o seu povo a secundá-lo por uma mudança sincera de vida. Os piedosos habitantes da cidade eterna responderam com presteza ao apelo do Pontífice. A fim de pôr ordem nas assembleias de fiéis, que deviam dirigir-se em procissão às orações públicas, Gregório dividiu o clero, os religiosos e o povo em sete corpos. Daí o nome de Ladainha setiforme, dado à procissão de São Marcos, que ainda hoje se faz.

Partidas às nove horas da manhã da basílica de Santa Maria Maior, as procissões dirigiam-se em bela ordem à basílica do Príncipe dos apóstolos e duravam boa parte do dia. Três dias seguidos se renovaram. Durante esses três dias, todas as ruas da cidade ressoaram do grito do arrependimento: *Kyrie eleison*, *«Senhor, tende piedade»*.

O santo Papa levava entre as mãos a imagem da Santíssima Virgem, que se crê pintada por são Lucas e que ainda se vê na igreja de Santa Maria Maior, onde é objeto da veneração secular, não só dos habitantes de Roma, mas de todos os peregrinos católicos da cidade eterna.

Desde o primeiro dia, tinham-se visto, em menos de uma hora, oitenta pessoas, feridas pela peste, caírem e morrerem. Tão triste espetáculo não foi capaz de desanimar são Gregório, cuja fé obteve logo a sua recompensa. No terceiro dia, a procissão chegava à ponte que liga a cidade ao bairro do Vaticano. De repente, um concerto de anjos se faz ouvir acima da santa imagem. Esses espíritos bem-aventurados cantavam:

> *Rainha do céu, alegrai-vos, aleluia; porque Aquele que mereceste trazer, aleluia, ressuscitou como disse, aleluia.*

Depois dessas palavras, as vozes celestes calaram-se. Então o Pontífice, ousando unir as súplicas da terra ao canto triunfal dos céus, acrescenta com arroubo estas palavras: Rogai a Deus por nós, aleluia; e a antífona pascal ficou assim composta. Gregório, erguendo em seguida os olhos ao céu, avistou, no cimo do Môle de Adriano, o anjo exterminador que, depois de enxugar a sua espada ensanguentada, a metia de volta na bainha.

> [Ilustração: Gregório I livra Roma do flagelo da peste. Afresco de Federico Zuccaro, no Vaticano, século XVI.]

Em memória dessa aparição, o Môle de Adriano leva desde longa data o nome de forte Santo Anjo; e é encimado por uma estátua colossal de bronze representando o anjo exterminador que abaixa a espada e a faz entrar na bainha.[3]

No mesmo instante o flagelo cessou.

Quatro fatos ainda subsistentes atestam esse milagre.

A procissão de São Marcos, que se faz todos os anos na Igreja do Ocidente; a estátua de bronze do arcanjo são Miguel, colocada acima do Môle de Adriano, que desde então tomou o nome de castelo Santo Anjo; a antífona *Regina Cœli*, que a Igreja não cessa de repetir desde esse dia memorável; enfim, a inscrição de que vou falar-te.

Quando fizeres a viagem a Roma, não deixarás de subir ao Capitólio e de visitar a curiosíssima e veneranda igreja de Ara Cœli, construída no lugar mesmo do templo de Júpiter Capitolino. Na abóbada do santuário, e diretamente acima do altar-mor, lerás, escrita em grandes letras de ouro, a inscrição seguinte: *Regina cœli lætare, alleluia.*

Testemunho de gratidão, essa inscrição lembra o milagre do castelo Santo Anjo. Acrescento que, em memória do mesmo milagre, os religiosos franciscanos de Ara Cœli têm sozinhos o privilégio de

cantar o *Regina* quando, nas orações públicas, as procissões passam diante do castelo Santo Anjo.

À oração de são Gregório e ao canto dos anjos, a Igreja acrescentou, como para o Ângelus, o versículo e o responso seguintes: Alegrai-vos e exultai, Virgem Maria, aleluia; porque o Senhor ressuscitou verdadeiramente, aleluia; depois a oração. Como são parte integrante do *Regina Cœli*, explicá-los-emos mais tarde. Passo ao comentário da antífona miraculosa.

Regina cœli lætare, alleluia: «Rainha do céu, alegrai-vos, aleluia.» No Ângelus, Maria foi proclamada a mais feliz das mulheres, a Mãe de Deus e, por conseguinte, a Rainha da terra. Mas a sua felicidade estava mais no futuro que no presente. Desde a Encarnação de seu divino Filho até a sua Paixão, a vida da Santíssima Virgem foi cheia de tantos sofrimentos que a Igreja a chama, com razão, Rainha dos Mártires.

Hoje, a mesma voz angélica a proclama Rainha do céu: isto é, de posse de um poder sem rival e de uma felicidade sem mistura e sem fim. É, pois, com razão que os anjos lhe cantam e nos convidam a cantar-lhe com eles: aleluia. Essa palavra, que se recusa a toda tradução, é uma palavra da língua do céu, caída na terra para exprimir a alegria, de que só temos aqui embaixo as primícias, mas que degustaremos plenamente no céu.

Quia quem meruisti portare, alleluia; resurrexit sicut dixit, alleluia: «Porque Aquele que mereceste trazer, aleluia, ressuscitou como disse, aleluia.» O tempo das provas passou. Feliz Mãe, vosso Filho, esse Filho tão ternamente amado; esse Filho cujos sofrimentos todos partilhastes; esse Filho que vistes nascer numa pobre estrebaria, deitado numa manjedoura, trabalhar como um operário no suor do rosto, para ajudar-vos a ganhar-lhe o pão de cada dia; esse Filho que vistes saturado de ultrajes, calcado aos pés como um verme da terra e enfim expirando num patíbulo; esse Filho saiu glorioso do túmulo, vencedor da morte e de todos os poderes da terra e do inferno; reina convosco, no mais alto dos céus, aleluia e aleluia eterno.

Resurrexit sicut dixit, alleluia: «Ressuscitou como disse.» Anunciando a sua morte e a sua ressurreição, Nosso Senhor dizia aos judeus: *«Desfazei este templo, e eu o levantarei em tres dias.»* Esse templo era o seu corpo.[4] Cumpriu a palavra. A história do mundo não oferece fato tão incontestável quanto a ressurreição do Filho de Maria. Todas as nações civilizadas lhe prestam homenagem: é a base de sua fé, o pedestal de sua civilização, o foco permanente de suas luzes e o princípio de sua superioridade moral sobre tudo o que não é cristão.

Ora pro nobis Deum, alleluia: «Rogai a Deus por nós.» Possamos nós, meu caro amigo, dizer essas palavras como o santo Papa que as pronunciou pela primeira vez! Pobres, miseráveis, viajantes no vale de lágrimas, cansados do presente, incertos do futuro, sofremos, além disso, flagelos, doenças, penas de toda espécie, justo castigo de nossos pecados. Aquele que no-los envia, ó Maria!, é vosso Filho. Dizei-lhe que nos poupe; dizei-lhe sobretudo que nos converta. Que pode ele recusar-vos?

Gaude et lætare Virgo Maria alleluia: «Alegrai-vos e exultai, Virgem Maria.» Quando se ama muito alguém, não nos cansamos de lembrar-lhe o que lhe pode ser agradável. Assim faz a Igreja; assim fazemos nós mesmos, repetindo ainda à Santíssima Virgem os inesgotáveis motivos de sua alegria, de sua glória, de seu poder e de sua felicidade.

Quia surrexit Dominus vere, alleluia: «Porque o Senhor ressuscitou verdadeiramente.» Sim, Maria! Outrora a Mãe das dores, hoje a feliz Rainha do céu, vosso Filho ressuscitou. Vós o vedes junto de vós, sentado em seu trono imortal, adorado pelos anjos, honrado na terra por milhões de homens de todas as idades e de todos os países. E essas homenagens de respeito e de amor durarão enquanto o mundo for mundo, enquanto a eternidade for eternidade, e ainda além: *in æternum et ultra.*

Preciso, meu caro amigo, fazer-te notar tudo o que há de verdadeira poesia na repetição tão frequente dessa palavra *aleluia*? Embriagada de felicidade, a Igreja já não encontra nas línguas da terra a expressão de seus sentimentos. A alegria a sufoca; só consegue respirar deixando escapar o misterioso aleluia. Cada palavra da admirável oração o forma em seu coração e o chama a seus lábios.

Ah! Se a educação pagã não tivesse obliterado entre nós o senso do belo, que admirações nos inspirariam as mais simples práticas de nossa divina religião!

Oremus. Deus qui per resurrectionem Filii tui: «Oremos. Ó Deus! que pela ressurreição de vosso Filho», etc. A ressurreição de Nosso Senhor é o sol do mundo. É ela que o ilumina, que o vivifica, que o embeleza, que o alegra, pois é o penhor da nossa. Que, pela intercessão onipotente da Rainha do céu, esse penhor se torne seguro, de modo que as alegrias do tempo se transformem para nós em alegrias eternas.

Eis, meu caro Frederico, as explicações que me pediste. São muito imperfeitas. Mesmo assim, recolhe as tuas lembranças e dize-me, com a mão na consciência, se conheces algo de mais belo, de mais rico, de mais social, de mais respeitável do que o Ângelus e o *Regina Cœli*. Nas cartas seguintes, tenho a pretensão de mostrar-te que não há nada de mais solene.

Todo teu.

Notas

[1] Eis a fórmula: *Regina cœli, lætare, alleluia. Quia quem meruisti portare, alleluia. Resurrexit, sicut dixit, alleluia. Ora pro nobis Deum, alleluia. V. Gaude et lætare, Virgo Maria, alleluia. R. Quia surrexit Dominus vere, alleluia. OREMUS. Deus, qui per resurrectionem Filii tui Domini nostri Jesu Christi mundum lætificare dignatus es : præsta, quæsumus, ut per ejus genitricem Virginem Mariam perpetuæ capiamus gaudia vitæ. Per eumdem Christum Dominum nostrum. Amen.* A recitação do *Regina* começa nas completas do sábado santo, inclusive, e termina nas completas da véspera da Trindade, exclusive.

[2] *Quoniam sunt quidam in die dominica genua flectentes et in diebus Pentecostes; ut omnia in universis locis consonanter observentur, placuit sancto Concilio, a Paschate usque ad octavas Pentecostes, stantes Domino vota persolvere, vel Deo orationes fundere.* (Cân. XXIX.)

[3] Ver Durand, *Rational. div. offic.*, lib. VI, c. LXXXIX, n. 2; Sigonius, *De Regno Italiæ*, lib. II; Canisius, *De Virg. Deipar.*, lib. V, c. XXII; Macri, *Hierolexicon*, v.º *Litania*; dom Guéranger, *Temps pascal*, p.

131, ed. in-12, 1859. — *Habens veteres rituales libri ultimis Litaniis esse processum ad Basilicam apostolorum Principis Petri, atque ab eodem Gregorio sanctam imaginem Deiparæ magna veneratione delatam fuisse autem illa traditur, quæ hactenus extat in Basilica sanctæ Mariæ ad Præsepe, et a populo honorifico cultu frequentatur; eam tunc a Sancto Gregorio in processione delatam, Ordo Romanus, quem pluribus exemplaribus Vaticana Bibliotheca custodit, affirmat. Tunc vero admirandum illud accidisse tradunt, ut cum pervenisset, procedente Gregorio, ad Molem Adriani Tiberi adjacentem, in signum reconciliationis numinis, visus fuerit Angelus nudatum gladium in vagina reponere, eoque symbolo morbum cessâsse significare voluisse.* (Baron., an. 590, n. 18.)

[4] *Solvite templum hoc, et in tribus diebus excitabo illud... ille autem dicebat de templo corporis sui.* (Jo 2, 19, 21.)

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:21 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:21 by Admin